

“EL MI AMOR DE MARTÍ”: o educador cubano no olhar de Gabriela Mistral

“El mi amor de Martí”: el educador cubano en los ojos de Gabriela Mistral

Paolo Vittoria
Università degli Studi di Napoli Federico II
Napoli-Itália

Teodoro Adriano Costa Zanardi
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG)
Belo Horizonte-Brasil

Resumo

Gabriela Mistral e José Martí emergem como figuras centrais na história da educação popular, articulando, em diferentes momentos históricos, respostas críticas às estruturas coloniais e à desigualdade social na América Latina. Este artigo explora o diálogo entre José Martí e Gabriela Mistral no campo da educação popular, destacando como suas obras antecipam debates contemporâneos sobre a decolonialidade. Analisam-se as influências de Martí na prática educativa e literária de Mistral, descrevendo as conexões entre seus legados pedagógicos e a partir dos contextos históricos em que viveram. A pesquisa busca evidenciar como ambos enfrentaram as contradições da colonialidade e contribuíram para a construção de uma educação crítica e emancipadora na América Latina. Trata-se de um artigo fundado na investigação com um recorte biográfico e bibliográfico de Gabriela Mistral, que se estabelece a partir de suas reflexões, compreensões e a paixão pelo legado de José Martí, suas conexões com a Educação e as possibilidades de Nossa América.

Palavras-chave: Gabriela Mistral; José Martí; Educação popular.

Resumen

Gabriela Mistral y José Martí emergen como figuras centrales en la historia de la educación popular, articulando, en distintos momentos históricos, respuestas críticas frente a las estructuras coloniales y la desigualdad social en América Latina. Este artículo explora el diálogo entre José Martí y Gabriela Mistral en el ámbito de la educación popular, destacando cómo sus obras anticipan debates contemporáneos sobre la decolonialidad. Se analizan las influencias de Martí en la práctica educativa y literaria de Mistral, describiendo las conexiones entre sus legados pedagógicos a partir de los contextos históricos en los que vivieron. La investigación busca evidenciar cómo ambos enfrentaron las contradicciones de la colonialidad y contribuyeron a la construcción de una educación crítica y emancipadora en América Latina. Este trabajo se fundamenta en una investigación con enfoque biográfico y bibliográfico sobre Gabriela Mistral, que se establece a partir de sus reflexiones, comprensiones y pasión por el legado de José Martí y sus conexiones con la educación y las posibilidades de Nuestra América.

Palabras clave: Gabriela Mistral; José Martí; Educación Popular

1. Introdução

Hay que crear, sí, escuelas normales; pero no escuelas normales de pedantes, de retóricos, de nominalistas (José Martí).

Maestro, enseña con gracia... Sin hacerte un retórico, procura dar un poco de belleza en tu lección de todos los días (Gabriela Mistral).

José Martí (1853-1895), mestre da educação popular, da América Latina, da nossa América, é um pensador político, poeta, educador cuja universalidade e contemporaneidade surpreendem continuamente. A sua universalidade e contemporaneidade se enraízam exatamente na sua capacidade de ultrapassar fronteiras, não só geográficas, mas principalmente de pensamento e ação. Numa era de acirramento político, de ressurgimento de conflitos e de normalização de desigualdades, Martí ainda aparece como uma ruptura de modelos epistemológicos de conhecimento, que nada mais fazem do que reproduzir o sistema estabelecido. A sua grandeza, que vive na simplicidade e na profundidade das suas palavras eternas, reside também em sua capacidade de olhar para longe, um olhar que ultrapassa épocas e territórios.

O legado de Martí é vigorosamente captado de forma profunda pela educadora e poetisa chilena Gabriela Mistral sob uma perspectiva literária, política e poética. Desde os primeiros passos, Mistral expressou indignação perante as opressões culturais das mulheres, dos indígenas e dos camponeses: esta visão estaria no centro do seu pensamento e da sua prática educativa, bem como de sua poesia, considerada pagã, socialista e popular pelos setores mais conservadores, embora a própria Mistral se declarasse cristã. Em 1945, foi a primeira mulher latino-americana a receber o Prêmio Nobel de Literatura por, entre outras coisas, ter criado espaço para mulheres, camponeses e indígenas em seus escritos. Sua atividade como mulher e educadora rural; sua perspectiva honesta, autêntica e, portanto, incômoda ao sistema de poder patriarcal, sua leitura política da realidade social, sua prática educativa constantemente centrada na justiça social são profundamente inspiradas pelos ensinamentos de José Martí. Mistral escreveu que todos os seus pensamentos são um sinal de gratidão e de amor por Martí, pelo autor que nela vive.

O presente artigo investiga como Gabriela Mistral, cuja prática pedagógica é voltada para a justiça social e os contextos rurais, dialoga com a visão de José Martí a respeito de uma educação comprometida com a formação integral e a soberania cognitiva dos povos latino-americanos. A leitura de Martí por Mistral não se limita à admiração poética, mas manifesta-

se como uma inspiração para suas práticas educativas, particularmente na defesa de uma pedagogia voltada às populações marginalizadas, às mulheres e aos indígenas. Assim, as ideias de ambos contribuem para delinear os contornos da Educação Popular como prática emancipatória na América Latina.

Trata-se de um artigo fundado na investigação com um recorte biográfico e bibliográfico de Gabriela Mistral que se estabelece a partir de suas reflexões, compreensões e paixão pelo legado de José Martí, bem como as conexões deste autor com a Educação e a possibilidades de Nossa América. Atravessando um período de vidas, vivências e lutas, abordamos importante momento da história da América Latina comprometida com a decolonialidade, com um pensamento original, com a luta por uma Educação Popular expressa por meio do pensamento de dois autores fundamentais que merecem destaque para a conhecimento dos desafios contemporâneos.

Embora o conceito de decolonialidade tenha sido consolidado no final do século XX, as lutas dos povos da América Latina e os esforços de intelectuais como Martí e Mistral evidenciam uma crítica incipiente às estruturas coloniais de poder. No entanto, é fundamental historicizar suas obras, reconhecendo que as contribuições se inserem em contextos específicos que antecipam, mas não se confundem, com os debates teóricos da decolonialidade contemporânea. Após mais de 500 anos de luta e produção de pensamento comprometido com a superação da opressão engendrada, especialmente, contra povos indígenas e negros. Essa luta precede o pensamento acadêmico e a categoria decolonialidade se constitui a partir da construção de autores e autoras anteriores ao século XX, ou seja, intelectuais que pensaram no “calor do momento” a colonização, a escravidão, as lutas por independência, a dependência econômica e a manutenção de processos de colonialidade. É nesse sentido que Mistral e Martí anteciparam o que agora chamamos de pensamento e luta decolonial: um pensamento original que busca a construção da América Latina a partir da singularidade de sua História.

2. “El mi amor de Martí”

Pues como ustedes los saben bien, amigos profesores, la pedagogía será siempre especie de geología calva, de rocoso pedaleiro y es preciso plantar a mitad de ella oasis naturales y hasta artificiales, grupos de palmeiras como las de Atlas, que refrescan la boca y no nos dejen morir asfixiados de arenas muertas (Mistral, 2017, p.19).

A linguagem de Gabriela Mistral, como podemos perceber neste trecho, manifesta-se de forma profundamente poética e imagética, ao mesmo tempo em que carrega uma densa reflexão pedagógica. Ao comparar a pedagogia a uma "geología calva" e a um "rocoso pedaleiro", Mistral sugere que o ato de educar muitas vezes se apresenta como um terreno árido e desafiador. Contudo, ela propõe a criação de "oasis naturales y hasta artificiales", metáfora que revela sua concepção de uma educação humanizadora, capaz de oferecer espaços de frescor, alívio e revitalização em meio à aridez do processo educacional. Essa construção linguística demonstra a capacidade de Mistral em transcender a linguagem técnica, incorporando elementos da natureza para transmitir suas ideias, conectando o educador e o estudante com a vida e a experiência concreta. Dessa forma, sua linguagem não apenas comunica, mas também inspira, convocando os professores a transformar o espaço educativo em um lugar de renovação, beleza e possibilidade, superando as "arenas muertas" da repetição e da estagnação.

Nessa prosa poética, nessas metáforas capazes de se tornar linguagem popular ecoa em Mistral o escritor, poeta e educador cubano José Martí. Ela intitula um de seus poemas a Martí.

Lê-se nos primeiros versos:

*Donde te fuiste José Martí
Que no te hallo entre las palmas
Hablas tanto con dejo nuestro
Que donde vives te fuiste sin habla?* (Mistral, 2017a, p. 41).

O “onde você foi” José Martí se refere a um sentimento de nostalgia na presença, uma saudade; “Não te encontro entre as palmeiras” diz Gabriela a José, mas “tu falas tanto com o nosso tom, a nossa linguagem”. Enfim, estás tão perto de nós com as tuas palavras, com a tua musicalidade que – imagina Mistral – onde você mora, você ficou sem palavras? A presença-ausência de Martí brilha nas metáforas da educadora e poetisa chilena que certamente não esconde o seu “amor e gratidão por Martí”:

Todo es agradecimiento en mi amor de Martí: gratitud hacia el escritor que es el maestro americano, más ostensible de mi obra y, también, agradecimiento del guía de hombres terriblemente puro que la América produjo en él (Mistral, 2017, p.10).

Mistral manifesta uma profunda admiração por Martí, explicitando em seus escritos uma “gratidão” que vai além do reconhecimento pessoal, conectando-se a um ideal coletivo de justiça e emancipação. Este sentimento reflete não apenas a influência de Martí em sua prática educativa, mas também uma visão compartilhada de educação como um instrumento

de transformação social, articulando os desafios do século XIX com as tensões políticas e culturais enfrentadas por Mistral no século XX. Amor por sua profunda humanidade, rara sensibilidade, por sua escrita. Mas a gratidão não pode ser somente dela, como Mistral mesma escreve, “a América deve agradecer a este trabalho cubano de manter Martí vivo”. Quando a autora define “los cantos cantables de Martí”, na verdade antecipa um fenômeno que encontraremos nos tempos de hoje: os versos do poeta inspiraram boa parte da música popular cubana moderna e contemporânea. Cuba e o mundo inteiro cantam suas palavras. Como não pensar na famosa Guantanamera, uma das músicas mais populares do panorama cubano.

O discurso de Gabriela Mistral sobre José Martí remonta ao 1938 como agradecimento por uma homenagem pública recebida durante a terceira visita de Mistral à Cuba. A revolução de 1959 era ainda inimaginável, a sua extraordinária ruptura histórica e depois futura, incansável retórica. Na conferência, Mistral não celebra a si mesma, mas a Cuba de Martí, esse sonhador revolucionário que lutou contra o colonialismo e pela independência do seu povo guiado por um princípio de liberdade que o fez rebelde contra toda forma de injustiça, de opressão: a corrente que conduz o viajar, estudar, pesquisar, escrever palavras sempre impregnadas de cores nunca banais une as biografias de Martí e Mistral.

3. Palavra, Poesia e Ação

Assim escreve Mistral em outros versos da poesia sobre Martí:

*Carne tuya quiso la Tierra
E donde andas mi antillano
Al fin llegué para no hallarte
Ni tu perfil ni tu garganta
Atravieso palmeras reales
Hombre mio, tan extranada
De que es el cielo y que es la cana
Y son tus negros locos y santos
Y que no salta como una espada
Pequeno y agil a encontrarme
Si pasé tanta tierra y agua (2017a, p. 41).*

Nestes versos, Mistral parece referir-se à morte de Martí no campo de batalha em 19 de maio de 1895, um evento que simboliza o sacrifício pela liberdade. Três anos depois, em 1898, os insurgentes e rebeldes cubanos conquistaram a independência, concretizando o sonho pelo qual Martí lutou. A poesia de Mistral combina um tom de saudade pela ausência física de Martí com uma profunda admiração por sua coragem e legado, reforçando a figura

do revolucionário como um símbolo perene de resistência e emancipação para a América Latina.

José Martí, pela sua luta contra o colonialismo, foi preso quando era muito jovem, depois deportado para a Espanha, exilado e expulso duas vezes do seu país; viveu mais exilado que em Cuba e, apesar disso, é considerado o mais cubano de todos os tempos. José Martí era um cosmopolita, um cidadão do mundo, tal como Gabriela Mistral.

O exemplo de José Martí sobreviverá à história. Na realidade, Mistral não só celebra o seu heroísmo (também característico do romantismo do século XIX), mas sobretudo cultiva a semente da dignidade que dá fruto com uma palavra que se encarna continuamente nas raízes de uma vida dedicada à liberdade, que se torna testemunho através da poesia. Palavra encarnada em ação concreta.

Martí tinha consciência do seu destino, ou pelo menos deu vida à morte, emerge dos próprios versos do seu poema *Canto De Otoño*:

*Bien: ya lo sé! La Muerte está sentada
A mis umbrales: cautelosa viene,
Porque sus llantos y su amor no apronten
En mi defensa, cuando lejos viven (Martí, 2011, p. 146).*

E ainda escreve em *Yo soy um hombre sincero* (Martí, 1992, p. 98):

*Yo quiero salir del mundo/
Por la puerta natural: /
/ En un carro de hojas verdes /
A morir me han de llevar».
«No me pongan en lo oscuro/
A morir como un traidor; /
Yo soy bueno, y como bueno /
Moriré de cara al Sol (Martí, 1992, p. 98).*

Se por um lado existe o aspecto visceral do amor de Mistral pela vida (e a morte) de Martí, por outro há profunda admiração pela originalidade literária do poeta cubano: “Parece que la originalidad esencial de Martí arranque de una vitalidad tropical” escreve a educadora e poetisa chilena (Mistral, 2017, p.40).

Emergem dois aspectos fundamentais em Martí: ser antilhano, caribenho e não imitar os modelos europeus, apesar de ser um leitor apaixonado dos clássicos ocidentais. Aqui a inteligência de Martí distingue a necessária crítica ao modelo colonial e ao eurocentrismo, não como uma negação da cultura europeia, que seria absurda. Sua abertura cultural se expressa de forma profunda em *La Edad de Oro* (2006); nesta revista para infância que teve quatro preciosos números, depois reunidos em uma única publicação, o escritor e pensador político

cubano trata uma infância encarnada nas dilacerantes contradições da América Latina, entrelaçando artigos, narrativas históricas provenientes de traduções de obras clássicas ocidentais como a *Ilíada* com antologias de revolucionários latino-americanos, como o texto *Trez Heroes* sobre Bolívar, Hidalgo e San Martín. Surge a visão político-pedagógica cosmopolita de José Martí, o compromisso cultural com uma América Latina onde as crianças possam ser mais cubanas, mais mexicanas, mais porto-riquenhas, mas numa perspectiva planetária, culta, não só local, nem eurocêntrica.

Ao mesmo tempo defende uma visão de integração entre povos e culturas, opondo-se ao racismo, defendendo uma sociedade mestiça e multicultural capaz de defender os povos indígenas, condenando a “conquista” e os seus horrores. Posição política que vai ao encontro de Gabriela Mistral, de origem mestiça, pobre e oriunda de áreas isoladas do Chile: a ganhadora do Prêmio Nobel de Literatura, ao referir-se tanto a Simón Bolívar quanto a José Martí, exortou a América Latina a não imitar a Europa, para não se tornar a imagem espelhada dos colonizadores. Ela afirmou corajosamente que a América Latina estava unida por dois fatores importantes: a língua dada por Deus e a dor que a América do Norte lhe trouxe. Defendeu a cultura mestiça minada não só pela violência colonial, mas também pelo espectro do nazifascismo que crescia a um ritmo alarmante na Europa daquela época.

Mistral afirmou que a América crioula foi ofendida e desafiada desde o dia em que o livro mais aterrorizante existente começou a circular na Alemanha: *Mein Kampf* (Minha Luta). Afirmou que a população mestiça, que habita metade da América, nunca tinha sido ofendida com tanta arrogância e ignorância como com a propaganda do livro de Hitler. Ela acrescentou que aqueles que elevaram o imundo projeto nazista à categoria de “Sagrada Escritura” acrescentaram expressamente insulto à injúria infligida aos povos mestiços pelo nazismo e pela sua louca necrofilia da raça pura (2005, p.205).

Devido à clara abordagem antifascista que emergiu de posições como esta, Gabriela Mistral não pode exercer, em 1932, em razão do fascismo, o papel de Cônsul em Itália, uma das muitas funções diplomáticas de prestígio que foram conferidas a esta grande intelectual chilena.

4. “Nuestra America”

Martí salta a nuestros ojos con el cuerpo entero de un estilo, pero lo mejor de gozarle, para mí, son los imponderables del tono criollo que se le deslizan por las hendidias del tronco castizo (Mistral, 2005 p. 40).

Neste parágrafo do discurso de Gabriela Mistral em Cuba emerge a admiração e a gratidão para com o estilo literário de Martí e, em particular, o prazer de ler e ouvir “os

imponderáveis do tom crioulo que escapam pelas frestas de uma língua pura”. Faz-nos compreender com clareza, mas também com profundidade visceral, que a linguagem não é apenas prosa, poesia, como tal é também política. Quando define os imponderáveis com tom crioulo, ressoam línguas diferentes provenientes de origens diversas que não têm uma cultura única e monolítica, mas passam pela história de populações diversas com capacidade de se unir, misturar, recriar, reinventar. O estilo que Gabriela Mistral trouxe na própria poesia.

Aqui encontramos o significado de *Nuestra América*, o manifesto político e ideal de José Martí (1980), que reúne grande parte da obra e pensamento do autor. Evidentemente, *Nuestra América* não é apenas um tratado de independência do povo cubano e de todos os povos colonizados da América Latina. Deve-se sublinhar que a independência não foi apenas um exercício de pensamento, visto que em nome deste ideal Martí deu a vida no campo de batalha. Mas podemos considerar o livro de Martí um verdadeiro tratado de integração com aspectos contemporâneos.

A expressão “América Latina”, utilizada pela primeira vez em 1856 pelo escritor colombiano José María Torres Caicedo em seu poema *Las dos Américas*, ainda não era tão popular quando Martí publicou seu texto em 1891. É por isso que ele fala da América ou de hispano-americanos.

O adjetivo possessivo “nossa” refere-se a qual sujeito? Possessão no sentido de amor? Nossa, de quem? Dos povos colonizados, dos povos oprimidos, dos povos indígenas, dos povos analfabetos, marginalizados, esquecidos.

Esta América é nossa!

O nosso é o caminho da descolonização das mentes, porque nossas são as mentes, nossas são as consciências, nossas são a história, os corpos: nossos, não vossos, seus colonizadores, parece dizer Martí já no título. Nossa educação, instrução, trabalho. Nossa, a terra. Não são seus! Vocês, invasores, que querem industrializar o mundo, que querem fazer do mundo uma fábrica à sua imagem e semelhança. Assim podemos interpretar o pensamento de Martí e, por outro lado, este “nosso” abre-se continuamente a um futuro de integração de línguas, tradições, culturas, histórias pessoais e coletivas que se cruzam.

Martí, em *Nuestra América*, concebe a educação como uma ferramenta essencial para a construção de uma identidade latino-americana descolonizada. Sua defesa de uma pedagogia ancorada nos contextos locais contrasta com os modelos impostos pela colonização, propondo uma integração entre saberes ancestrais e uma visão universalista não eurocêntrica. Esta concepção dialoga diretamente com as propostas educacionais de Mistral,

que resgata os elementos culturais e sociais das comunidades rurais a fim de propor uma educação inclusiva e emancipadora.

Entre os muitos textos de forte sentido pedagógico em *Nuestra America*, vale destacar um trecho de *La Escuela di Artes Y oficios en Honduras*, no qual José Martí explica sua perspectiva sobre a educação rural:

La enseñanza de la agricultura es aún más urgente, pero no en las escuelas técnicas, sino en estaciones de cultivo, donde no se describan las partes del arado sino delante de él y manejándolo, y no se expliquen en fórmula sobre la pizarra la composición de los terrenos, sino en las capas mismas de la Tierra (1980, p.172).

Do texto de Martí emerge como a educação deve ser capaz de ir além do modelo urbano, antes mesmo da explosão da dimensão de concentração nas grandes cidades, porque a verdadeira integração entre ciência e natureza, entre ciência e espiritualidade só é possível valorizando os contextos rurais. Integração não só entre povos, mas entre culturas, entre saberes, entre territórios.

E isto nos remete a Gabriela Mistral, ao seu compromisso com a educação nos contextos rurais, com as populações indígenas, com as suas próprias origens que se expressam de forma profunda no poema *La maestra rural*.

*La Maestra era pura. «Los suaves hortelanos», decía,
«de este predio, que es predio de Jesús,
han de conservar puros los ojos y las manos,
guardar claros sus óleos, para dar clara luz».
La Maestra era pobre. Su reino no es humano.
(Así en el doloroso sembrador de Israel.)
Vestía sayas pardas, no enjoyaba su mano
¡y era todo su espíritu un inmenso joyel!
La Maestra era alegre. ¡Pobre mujer herida!
Su sonrisa fue un modo de llorar con bondad.
Por sobre la sandalia rota y enrojecida,
tal sonrisa, la insigne flor de su santidad.
¡Dulce ser! En su río de mieles, caudaloso,
largamente abrevaba sus tigres el dolor!
Los hierros que le abrieron el pecho generoso
¡más anchas le dejaron las cuencas del amor!
¡Oh, labriego, cuyo hijo de su labio aprendía
el himno y la plegaria, nunca viste el fulgor
del lucero cautivo que en sus carnes ardía:
pasaste sin besar su corazón en flor!
Campesina, ¿recuerdas que alguna vez prendiste
su nombre a un comentario brutal o baladí?
Cien veces la miraste, ninguna vez la viste
¡y en el solar de tu hijo, de ella hay más que de ti!
Pasó por él su fina, su delicada esteva,
abriendo surcos donde alojar perfección.
La albada de virtudes de que lento se nieva
es suya. Campesina, ¿no le pides perdón?
Daba sombra por una selva su encina hendida
el día en que la muerte la convidó a partir.*

*Pensando en que su madre la esperaba dormida,
a La de Ojos Profundos se dio sin resistir.
Y en su Dios se ha dormido, como un cojín de luna;
almohada de sus sienes, una constelación;
canta el Padre para ella sus canciones de cuna
¡y la paz llueve largo sobre su corazón!
Como un henchido vaso, traía el alma hecha
para volcar aljófares sobre la humanidad;
y era su vida humana la dilatada brecha
que suele abrirse el Padre para echar claridad.
Por eso aún el polvo de sus huesos sustenta
púrpura de rosales de violento llamear.
¡Y el cuidador de tumbas, como aroma, me cuenta, las
plantas del que huella sus huesos, al pasar! (Mistral, 2022, p. 63-64).*

O sentido místico deste poema de Mistral remete-nos a José Martí: a vida e a morte fundem-se e confundem-se. Mistral apresenta a pureza da “Maestra”, não em termos físicos, mas espirituais-morais, destacando seu caráter imaculado e sua dedicação. Como se o ensinamento sobrevivesse ao próprio corpo. Martí entende o ensino e a revolução com profundidade espiritual. O “Apostol de Cuba” defendeu com extraordinária clareza e paixão que o ser humano tem duas dimensões essenciais: a material e a espiritual. Daí a sua famosa frase: “O ser humano não é o que se vê, mas o que não se vê” (Martí, 1991, p. 272). Esta linha de pensamento de Martí sobre a profundidade do ser humano é o seu fio condutor espiritual, desde o comovente escrito *La prisión política en Cuba*, publicado durante o primeiro exílio em Espanha em 1871, até *El Manifiesto de Montecristi*, publicado dois meses antes de morrer em combate em Dos Ríos, Cuba, em 1895.

Ao longo da sua atividade intelectual e educacional, Martí desenvolveu uma visão original do mundo que não pode ser enquadrada numa filosofia particular ou num dogma religioso, mas tem luz própria. A luz que brilha também nas palavras de “La Maestra Rural” em que Gabriela Mistral compara a pobreza material com a riqueza do seu “reino” que não é deste mundo, ou seja, é o valor espiritual do seu ensino cuja profundidade é preciosa e brilhante.

Mistral compara a alma da “maestra” a um copo cheio, indicando a riqueza espiritual e capacidade de doar aos outros. Sequência de palavras que acentua a imagem do carvalho que sombreia a selva, símbolo da proteção e orientação da professora, da “maestra”. O “pó de seus ossos” representa a maestra após sua morte: ela continua a ter influência e seus ensinamentos continuam vivos, nutrindo-se continuamente.

A referência às estrelas é um símbolo de orientação e luz. Evidentemente o sentido de ser “maestra”, ser professora, educadora, vai além da função técnica ou profissional e continua vivendo no aluno. Pode ser um profissional da educação, claro, mas também uma

pessoa que se encontra no caminho e cujos ensinamentos continuam a brilhar ao longo da vida, como a própria Mistral pode ser para nós.

5. Educação Rural e Escolas Itinerantes: a luta por transformação social

Em Gabriela Mistral, a referência ao contexto rural não é apenas poética como na maravilhosa *Maestra Rural*. O seu interesse pela educação rural é essencialmente social e, poderíamos dizer, de natureza política. É preciso dizer que a sua visão da educação na América Latina não era romântica, simplista ou ingênua. Gabriela, a “maestra rural”, constrói, de fato, uma perspectiva política e sistêmica que se refere continuamente às relações sociais e econômicas que então existiam (provavelmente ainda permanecem). É aqui que reside a sua grandeza: por um lado proporciona uma linguagem poética sublime, rica em metáforas e profunda sensibilidade, por outro enraíza uma visão política rigorosa e complexa, pois compreende as situações não na sua imediatez ou particularidade, mas na visão histórico-crítica analisando os contextos sociais dentro de uma constelação mais ampla de relações estruturais. Por exemplo, referindo-se ao Chile, ela acreditava ser essencial uma reforma agrária que servisse de exemplo para outros países. Afirmou que se o Chile se mostrasse capaz de realizar uma verdadeira reforma (queria dizer uma reforma realizada com muita coragem e sem medo, uma reforma que duraria cinquenta e não cinco anos), o exemplo seria retomado por outros países agrários da América Latina (“qual país não é agrário?”, pergunta Mistral). Afirmou que alguns políticos, embora considerassem a reforma necessária, também a temiam devido ao compromisso com obras civis de grandes proporções (Mistral, 2015, p.113).

A autora analisa elementos constitutivos e práticos da educação do campo em um momento em que a causa indígena não era objeto de muito debate. Ela a aborda de forma explícita e veemente em seus conteúdos políticos e culturais. Naquele tempo a mulher camponesa era vista apenas instrumentalmente e em relação ao trabalho; e o resto das mulheres como único cuidado do ambiente familiar. É por isso que Mistral falou abertamente a respeito e para as mulheres rurais no sentido de libertação cultural. Ela falou das camponesas como pessoas que precisavam se emancipar através da leitura, da escrita, da escola e da educação. Esta é a pedra angular do trabalho de Gabriela Mistral. A questão da educação surge da sua reflexão sobre o feminismo e a defesa dos excluídos. Baseou-se em temas tão importantes como a questão rural e a luta pela reforma agrária, esta última perene e nunca concretizada na história da América Latina.

Mistral abordou as questões da educação do campo, entre outras coisas, em discurso de 1954 na ONU e publicado em *Por la Humanidad futura*. Antologia Política (2015) no qual a educadora lançou luz sobre pequenas comunidades sem escolas. Neste discurso aponta que quem vive nas áreas rurais mais isoladas muitas vezes não tem acesso a qualquer aprendizagem formal. Ela mostra como muitas vezes no campo os pais não mandam seus filhos às escolas em localidades próximas, não só pelo tempo que levam para se deslocar a pé, mas também pelos perigos que podem encontrar no caminho. Ela recomenda que, nesses contextos, haja escolas itinerantes que se desloquem de um local para outro propiciando pelo menos elementos da educação básica: leitura, escrita, aritmética. Acrescenta que as pessoas que vivem em áreas rurais isoladas e mais pobres mostram grande interesse por escolas itinerantes e respondem com entusiasmo à sua presença em seu meio. Sempre consciente das “situações-limite” de um pragmatismo que nunca foge aos aspectos estruturais e econômicos, explica que as escolas itinerantes teriam a vantagem de serem de baixo custo para o governo e, se o clima for favorável as aulas poderiam ser em espaços abertos. No projeto todos os governos municipais, mesmo os mais pobres, poderiam participar e o mesmo grupo de educadoras poderia ministrar aulas em diferentes áreas. As professoras e educadoras deveriam encarnar o espírito de uma pessoa em missão, e de preferência vir de áreas rurais para ter experiência diária direta dos lugares e contextos. Mistral aconselha que, sendo que as crianças ajudam os pais no trabalho do campo durante o dia, as aulas sejam ministradas à noite.

O significado social das escolas itinerantes, acrescenta Mistral, é que através da aula noturna sejam alcançados os setores da população que sofrem de exclusão e marginalização, de pobreza econômica e educacional: agricultores analfabetos, mulheres, povos indígenas. Sua recomendação foi que a educação do campo também tivesse grandes inovações e que o trabalho de alfabetização fosse integrado à projeção de filmes (cine fórum) e ao canto coral. Afirmou que o canto e o cinema animam o processo de trabalho e são fonte de diversão camponesa (Mistral, 2015, p. 313-314).

Essas propostas representam uma vanguarda, sobretudo se considerado o período histórico em que os meios audiovisuais não estavam certamente tão difundidos quanto hoje, ao mesmo tempo em que colocam, em termos contemporâneos, uma questão ainda necessária: escolas itinerantes na educação do campo. Basta pensar a como nestes tempos o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, como movimento social, de massas, autônomo, na articulação e organização das trabalhadoras e trabalhadores rurais para

conquistar a Reforma Agrária e construção um Projeto Popular para o Brasil (MST, 2024) colocou em prática a ideia de escolas itinerantes: “A Escola Itinerante foi criada no âmbito do Movimento Sem Terra para garantir o direito à educação das crianças, adolescentes, jovens e adultos em situação de itinerância, enquanto estão acampados, lutando pela desapropriação das terras improdutivas e implantação do assentamento.”

É uma escola que está voltada para toda a população acampada, o barraco da escola itinerante é construído antes do barraco de moradia e tem também a função de se converter em um centro de encontros de toda comunidade acampada” (MST, 2024a). Historicamente o próprio José Martí já tinha compreendido profundamente a questão e antecipou a necessidade de escolas itinerantes. No texto *Revolución en la enseñanza*, o educador cubano destaca claramente que os “professores itinerantes” são a única solução prática para o problema do ensino em áreas rurais ou despovoadas (Martí, 1985, pag.15).

6. Educação Popular e Feminismo em Gabriela Mistral

A educadora chilena apelou para uma reestruturação do sistema educativo no campo do gênero. Mistral criticou severamente a ideia, o discurso normalizador, de que as mulheres só precisavam de educação para administrar a casa e cuidar dos filhos. Na sua opinião, a educação, enquanto sistema formal, precisava de ser profundamente renovada e isso só seria possível através de uma conceptualização de gênero, de relações de poder, de família, de sociedade e da própria escola.

O sistema educativo defendido por Mistral apelava a uma revolução por meio da qual as mulheres deveriam ser plenamente educadas, e esta mudança de paradigma deveria ser universalmente aceita por toda a sociedade – sem partidarismo ou sectarismo.

A fim de preparar as mulheres de uma forma que amplie os horizontes e as possibilidades futuras, não se limitando ao casamento e ao trabalho doméstico, Mistral defendeu vigorosamente que a educação das mulheres não fosse sectária, mas tivesse um sentido amplo e integrado. Ela concebeu a educação em conexão com outros domínios sociais, da economia à política. Isto demonstra a consciência de que a educação não é uma variável independente, mas uma componente crucial de um processo que envolve uma gama mais ampla de áreas interligadas: econômicas, políticas, estruturais. Apoiou, portanto, uma abordagem que evitaria o maior engano das mulheres através da falsa noção de "proteção", causada por casamentos arranjados, ou pior ainda, reproduzindo as palavras da autora, "a venda da própria dignidade".

A sua visão era também de crítica interna ao próprio movimento feminista no Chile: ela considerava que no Chile, como noutros lugares, lhe falta a espinha dorsal e que não havia suficiente organização que inspirasse confiança com verdadeiro compromisso político. Naquele país, de acordo com Mistral, o feminismo aparece mais como uma expressão do “sentimentalismo feminino, perfeitamente invertebrado como uma esponja flutuando num líquido inofensivo, do que algo robusto”, dado que “há mais explosões emocionais do que ideias, mais lirismo ruim do que conceitos sociais saudáveis mesmo que um mínimo de bom senso muitas vezes surja como um raio.” Ela afirma que há “legitimidade nas aspirações, pureza de intenção, beirando o fervor místico, o que permite que as mulheres em questão ganhem respeito, mas argumenta que “há uma falta geral de perspicácia em questões sociais mais amplas” (2015, p. 40).

Após a promulgação da Lei do Ensino Primário Obrigatório de 1920, que no Chile destacou a necessidade de criar cursos para mulheres trabalhadoras, garantindo que as mulheres dos setores populares frequentassem escolas públicas, Mistral, ao mesmo tempo em que elogiou os seus princípios, também denunciou a dificuldade de abertura de cargos efetivos para trabalhadoras que, sem aulas noturnas, teriam sido privadas desse direito: sem aulas noturnas a condição necessária da instrução das mulheres seria garantida somente na teoria, mas na prática elas não teriam condição e oportunidade de atender a escola. Acabaria, portanto, por ser uma reforma parcial e ineficaz. É por isso que Gabriela sempre apoiou a importância das aulas noturnas.

Nesse contexto, a educadora chilena não só defendia a igualdade de oportunidades, questão essencial, mas deixava claro que por um lado qualquer lei que vise a transformação dos povos e que não leve em conta as mulheres é uma lei parcial e injusta, por outro qualquer lei que não promova a renovação integral da sociedade não “muda a alma nacional” (Mistral, 2023).

Sem dúvida, esta preocupação da Gabriela tem ligação com as dificuldades que ela mesma encontrou seu local de origem em encontrar espaço para seus estudos mesmo na tentativa de ingressar na Escuela Normal, entendendo em primeira mão o quanto é difícil para as mulheres das zonas rurais ter espaço para a instrução e emancipação através da cultura e da educação.

E que tivesse relação entre pensamento e ação é demonstrado pelas políticas comunitárias implementadas em colaboração com José Vasconcelos (1882-1959), político, filósofo, educador, primeiro reitor da Universidade do México, Ministro da Educação do

México no governo da presidência de Álvaro Obregón de 1920 a 1924. Com Vasconcelos, Mistral promoveu a educação popular e atraiu educadores e artistas excepcionais ao México, ajudou a criar bibliotecas populares e departamentos de artes plásticas, escolas de belas artes, renovou a Biblioteca Nacional e dirigiu um programa de publicação em massa com obras clássicas de diversos autores.

Como Gabriela aponta na carta a Joaquín García Monge, apesar da solidão: “El caso de Vasconcelos es éste: un hombre grande, enorme, y que está solo. Los intelectuales mexicanos no son de su tipo; son del de casi todas partes: hombres de cultura y refinamiento, sin ideales sociales efectivos.” (in Valenzuela, 2002, p.14) O Ministro Vasconcelos desencadeou uma mobilização geral no país em favor da educação rural.

Havia muitas reformas em preparação e em curso, baseadas na reforma agrária e nas escolas camponesas, e Mistral deu o seu contributo na esfera rural, popular, em particular, contribuindo para o projeto de bibliotecas rurais, promoveu a leitura para mulheres. A importância da leitura tanto no modo silencioso na biblioteca quanto na leitura coletiva na aldeia é sublinhada por Gabriela. Em ambos os casos é uma celebração, semelhante às festas teatrais e religiosas. Fundou a revista *El Maestro*, promoveu missões escolares e rurais e ajudou a organizar a primeira feira do livro do México. Com a ajuda de meios de comunicação como o rádio, fonte fundamental de educação nas áreas rurais e isoladas de todo o mundo, Mistral contribuiu para implementar a difusão da alfabetização entre milhares de mulheres camponesas, fundando escolas noturnas, com educadoras dedicadas ao ensino entre as classes populares.

6.1. Ensinar com Beleza

A colaboração entre Gabriela Mistral e José Vasconcelos não se deu apenas na implementação de políticas públicas, mas na profunda partilha de princípios educativos, numa amizade e comunhão espiritual que permaneceu por muito tempo, especialmente nos anos de exílio e perseguição de Vasconcellos, como emerge da troca de cartas entre os dois (Valenzuela, 2002).

A dimensão espiritual do ensino e da educação passa por diversas passagens da obra educativa e poética de Mistral. Em particular, num discurso de 1918, intitulado *Palabras a los Maestros*, “la maestra rural” expôs um princípio que era ao mesmo tempo simples e profundo: ensinar com beleza. Assim se integram seu sólido engajamento e sua sensibilidade pedagógica:

Maestro, enseña con gracia, como pedía Rodin. Sin hacerte un retórico, procura dar un poco de belleza en tu lección de todos los días. Narra con donaire; sabes que tu oficio, que es de ternura, te ha vedado ser seco de corazón: también te prohíbe serlo de lenguaje... No te conformes con ser claro; sé, si puedes, elegante en tu palabra (Mistral, 1979. p.303-304).

Ela mesma usa a graça e a delicadeza para palavras severas, mas verdadeiras, dirigidas ao professor para que ele não seja pedante, de retórica insuportável, e busque a beleza, e não fique seco de coração, e, portanto, de linguagem. Algo muito distante da engenharia fria de competências que caracteriza as políticas educativas dos nossos tempos. E, para ensinar com beleza, bastaria seguir os passos de Martí, como fez Mistral, até na escolha das palavras e da linguagem.

Também Martí falou abertamente contra o pedantismo, como podemos ler em *Revolución en la enseñanza...*

Hay que crear, sí, escuelas normales; pero no escuelas normales de pedantes, de retóricos, de nominalistas; sino de maestros vivos y útiles que puedan enseñar la composición, riquezas y funciones de la tierra, las maneras de hacerla producir y de vivir dignamente sobre ella, y las noblezas pasadas y presentes que mantienen a los pueblos, preservando en el alma la capacidad y el apetito de lo heroico (Martí, 1985, p. 14).

E passamos novamente ao ensaio *La lengua de Martí* quando Mistral diz:

El fenomeno de Martí orador consiste en que, manejando un genero de falsas virtudes, lo servirá con virtudes verdadeiras. Mientras el demagogo simula su indignacion y lanza desde el tabladillo su llamas pintadas, Martí esta ardiendo de veras (2017, p.41).

Em outro parágrafo, ela é ainda mais incisiva: “Anotemos en Martí el que siendo el orador honrado dentro de un gremio fraudolento, no se parte de la lineas classicas dentro del género” (Mistral, 2017, p.41). Contrapõe o orador honesto a uma corporação fraudulenta e acrescenta que esse orador, Martí, não se desvia das linhas clássicas do gênero, ou seja, faz surgir a beleza de uma pesquisa linguística rigorosa e cuidadosa. E aqui vem a profunda admiração por Martí:

(...) con todo lo cual vuelve espectáculo natural una cosa que lo demas aderezan y en su emprecacion veridica, se da en pasto a su gente sin ahorro alguno de alma... Yo llegue tarde a sua fiesta y una de las perdida de este mundo será siempre a la de no haber escuchado Martí (Mistral, 2017, p.41).

Uma das perdas deste mundo foi para Mistral a de “chegar atrasada à sua festa e de não ter escutado Martí...capaz de transformar em espetáculo natural o que o resto do mundo adorna”. Então, ela compensa essa oportunidade perdida, ou nunca tida, com leituras, pesquisas, e realmente parece que não quer perder nem uma vírgula da obra de Martí. Seria uma pena também para nós perder esta oportunidade de ler, portanto ouvir, as palavras de

Martí, que faz do ensino um exercício de beleza, e de Lucila, em arte Gabriela, que capta as paisagens e as cores mais profundas, devolvendo-as a nós com uma profunda alma poética.

7. Considerações finais

Neste artigo procuramos captar aspectos profundos da educação popular latino-americana, inspirados na vida e na obra de dois grandes expoentes como José Martí e Gabriela Mistral. As suas experiências políticas, culturais e educativas referem-se a elementos que, por um lado, dizem respeito à práxis histórica como a capacidade de analisar, transformar, propor e implementar políticas educativas.

Por outro lado, abre um campo de imaginação de caráter decolonial e, também, reflexão existencial, graças aos seus versos, à estética da sua prosa, à extraordinária capacidade de usar metáforas capazes de se firmar na linguagem popular.

Embora os desafios enfrentados por Martí e Mistral diferissem dos que caracterizam a colonialidade contemporânea, suas obras oferecem contribuições valiosas para a construção de um pensamento latino-americano crítico. A partir de experiências pedagógicas e culturais, ambos propõem uma educação que rejeita o assistencialismo e fomenta a soberania cognitiva dos povos, antecipando debates que hoje se articulam no campo do pensamento decolonial.

A obra de Gabriela Mistral e José Martí transcende a dimensão biográfica, constituindo-se como pilares para uma reflexão crítica sobre as possibilidades de uma Educação Popular comprometida com a justiça social e a emancipação na América Latina. Suas produções literárias e pedagógicas antecipam debates contemporâneos a respeito da decolonialidade ao problematizar a opressão colonial e propor práticas educativas transformadoras. No entanto, é necessário ampliar as leituras sobre a relação entre suas ideias e os contextos históricos específicos em que foram concebidas, avaliando suas limitações e potencialidades diante dos desafios atuais da educação na região.

Referências

MARTÍ, José. **Una escuela de artes y oficios en Honduras en Nuestra América**. Buenos Aires. Losada, 1980.

MARTÍ, José . **Revolución en la enseñanza**- Anuario del Centro de Estudios Martianos, La Habana: Centro de Estudios Martianos, 1985.

MARTÍ, José. **Obras completas**. En los Estados Unidos. Escenas norteamericanas. Vol 9- La Habana: Editoriales de Ciencias Sociales, 1991.

MARTÍ, José. **Versos sencillos**. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1992.

MARTÍ, José. **La edad de oro y outros relatos** (edición de Angel Esteban). La Habana: Catedra Edicion, 2006.

MARTÍ, José. **Versos Libres**. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2011.

MISTRAL, Gabriela. Palabra a los maestros. In Scarpa Straboni, Roque Esteban. **Magisterio y Niño**. Santiago: Editorial Andres Bello, 1979.

MISTRAL, Gabriela. **Por la Humanidad futura**. Antología política. Santiago: La pollera ediciones, 2015.

MISTRAL, Gabriela. **La lengua de Martí y otros motivos cubanos**. Santiago: LOM ediciones, 2017.

MISTRAL, Gabriela. **Manuscritos**. Poesía inédita. Santiago: Garceta Ediciones, 2017a.

MISTRAL, Gabriela. **Desolación**. Santiago: Ediciones Biblioteca Nacional del Chile, 2022.

MISTRAL, Gabriela. Educación popular. In Mancini, Eduardo. “Educación popular”. Una interesante conferencia de la señorita Lucila Godoy. La noche de las proletarias. **Cuadernos Chilenos de Historia de la Educación**, 17, Santiago 2023. Disponível em: <https://historiadelaeducacion.cl/index.php/home/article/view/201/184> Acesso em 15 nov. 2024.

MST. (2024). **Quem somos**. Disponível em: <https://mst.org.br/quem-somos> Acesso em 15 nov. 2024.

MST. (2024a). **Educação MST**. Disponível em: <https://mst.org.br/educacao/> Acesso em 15 nov. 2024.

RODRÍGUEZ, Simon. **Inventamos o erramos**. Caracas: Monte Ávila Editores Latinoamericana, 2008.

VALENZUELA FUENZALIDA, Álvaro. Gabriela Mistral y la reforma educacional de José Vasconcelos **Reencuentro**, núm. 34, septiembre, pp. 9-27. Universidad Autónoma Metropolitana Unidad Xochimilco Distrito Federal, México, 2002.

Agradecimento

A pesquisa foi desenvolvida com o apoio da Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais que proporcionou o estágio pós-doutoral do autor Teodoro Adriano Costa Zanardi na Università degli Studi di Napoli Federico II

Sobre os autores

Paolo Vittoria

Professor Associado de Pedagogia Geral e Social na Università degli Studi di Napoli Federico II - Itália. Doutorado em Pedagogia da Formação - Università degli Studi di Napoli Federico II (UNINA). Licenciado em Letras - Università degli Studi di Napoli Federico II (UNINA). Pós-Doutorado em Políticas da Educação - Universidade Federal Fluminense - UFF - Rio de Janeiro (Bolsa FAPERJ). E-mail: paolovittoria10@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0009-0003-7389-8165>

Teodoro Adriano Costa Zanardi

Professor Adjunto do Programa de Pós-graduação da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). Doutor em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Líder do Grupo de Pesquisa: Currículo crítico, educação transformadora: políticas e práticas. E-mail: zanardi@pucminas.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4742-9288>

Recebido em: 09/02/2025

Aceito para publicação em: 24/05/2025